

Construções palafíticas da bacia do Tejo

Levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira

Pedro Lima Gaspar

Arquitecto / Arquitectos Sem Fronteiras Portugal
Professor Auxiliar da Faculdade de Arquitectura de Lisboa
pmgaspar@fa.utl.pt

João Palla

Arquitecto / Arquitectos Sem Fronteiras Portugal
Assistente da Escola Superior de Design do IADE, membro da
UNIDCOM, Unidade de Investigação em Design e Comunicação
scriptorium_jp@sapo.pt

Resumo

O património construído da cultura dos pescadores do Tejo originários da Praia de Vieira de Leiria (também conhecidos por Avieiros) representa uma das últimas manifestações de ocupações palafíticas ainda existentes na Europa Ocidental. As habitações, isoladas ou constituindo assentamentos de pequenas dimensões, testemunham um modo de vida singular, mas em acelerado processo de desaparecimento: pois, por um lado, são já poucos os Avieiros com experiência directa de uma vida passada no rio e, por outro, porque as construções eram erguidas com técnicas e materiais rudimentares e encontram-se hoje em avançado estado de degradação, prestes a desaparecer definitivamente.

Neste artigo, apresenta-se um levantamento e diagnóstico do património construído Avieiro ainda existente, baseado em recolhas de campo efectuadas pela associação Arquitectos Sem Fronteiras Portugal. Os resultados que aqui se apresentam foram reunidos entre Outubro e Dezembro de 2008, período durante o qual foi visitada uma amostra significativa dos locais e construções representativos da presença das populações Avieiras no Vale do Tejo. Em cada um destes trabalhos de campo, foram recolhidas informações relativas à situação existente e depoimentos de Avieiros ou dos seus descendentes.

Os dados assim recolhidos permitem fazer uma breve caracterização dos assentamentos Avieiros (aldeias, conjuntos edificados e construções isoladas) e dos traços que distinguem as construções palafíticas localizadas nas margens do Rio Tejo e servem de base à elaboração de estratégias de salvaguarda ou recuperação no âmbito do processo de candidatura da cultura Avieira a património nacional.

Palavras-chave: Avieiros, Cultura Avieira, Aldeias Avieiras, Palafitas, Vale do Tejo.

1. Enquadramento

A existência de uma cultura Avieira tem sido reconhecida em inúmeros estudos, desde há mais de 60 anos, que identificam um conjunto de especificidades (linguísticas, gastronómicas, arquitectónicas ou sociológicas) próprias de uma população originária da zona de Vieira de Leiria, que se instalou nas bacias dos rios Tejo e Sado [SANTOS, 1959], [GAMEIRO *et al.*, 1982], [MORAIS, 1985], [SOARES, 1986], [GASPARINHO, 1991].

Na realidade, esta comunidade representa um dos diversos fluxos migratórios nacionais que ocorreram em Portugal e, mais concretamente, na área do Tejo e do Sado [MOREIRA, 1987]. Estes movimentos de população, de carácter sazonal ou permanente, estavam geralmente associados à procura de fontes de subsistência adicionais, complementares às existentes nos locais de origem: por exemplo, através de campanhas agrícolas relacionadas com épocas da apanha do tomate, do melão ou das vindimas [BRITO, 1981].

No caso da bacia do Tejo, de acordo com os registos disponíveis, o primeiro fluxo migratório ocorreu a partir da zona de Ovar, em meados do século XVIII, dando origem a uma população justamente conhecida pelos “Varinos”. Esta população instalou-se nas margens do Tejo, de Alhandra a Santarém, organizando-se em comunidades estáveis e dedicando-se à pesca do sável (peixe que, tal como o salmão, sazonalmente subia o rio para aí desovar). Este movimento migratório foi posteriormente seguido por outros provenientes da zona da Murtosa (conhecidos por “Murtoseiros”) e, em meado do século XIX, pelos naturais de Vieira de Leiria (daí, a referência aos “Avieiros”) [MOREIRA, 1987].

À semelhança dos anteriores, os Avieiros saíam das suas terras de origem em busca de trabalho ou de rendimentos adicionais que compensassem a sua endémica pobreza e a impossibilidade de pescar no mar durante os meses de Inverno. A pesca de rio constituía-se como uma alternativa possível e viável e que não implicava uma ruptura profunda com o modo de vida destas populações. Durante o período de migração, os Avieiros viviam geralmente em condições muito precárias, nos próprios barcos ou em construções improvisadas a partir da matéria-prima disponível (caniços e ramos).

Existem, no entanto, diferenças importantes entre a cultura “Avieira” e as outras que a precederam. Estas assentavam num forte sentido de comunidade e encontravam-se já instaladas e relativamente integradas quando os Avieiros chegaram. Inversamente, o movimento migratório Avieiro assentou sempre no núcleo familiar como forma primordial de organização, o que permitia uma forte mobilidade no território das bacias do Tejo e Sado, mas impedia a formação de um sentido de comunidade integrada com as existentes (ou até de disciplina colectiva, por exemplo, na acção concertada da pesca do sável). Estes factores, associados à pobreza e à precariedade das condições de vida

dos Avieiros (existindo testemunhos directos de pessoas que nasceram e viveram literalmente num barco), levaram à qualificação geralmente depreciativa de “ciganos do Tejo”, inicialmente formulada por Alves Redol [REDOL, 1942]. Para ilustrar esta situação, existem depoimentos de Avieiros ou dos seus descendentes, que referem que quando estes chegaram ao Tejo já muitos dos Varinos tinham evoluído no sentido de não depender exclusivamente da pesca, tendo iniciado actividades de transporte de pessoas e mercadorias ao longo do rio e no abastecimento a Lisboa. Quando pescavam o sável, os Varinos seguiam princípios de organização não escritos, através dos quais os barcos se colocavam lado a lado ou suficientemente distanciados entre si para permitir iguais oportunidades de captura de um peixe que subia o rio sazonalmente. Certos relatos referem a existência de conflitos com os Avieiros, que, actuando individualmente, podiam, por exemplo, colocar o respectivo barco de forma a capturar o sável em prejuízo dos barcos situados mais acima do rio.

A especificidade da cultura Avieira, expressa no modo de vestir, de falar, na gastronomia, no modo de construir abrigos ou nos artefactos da pesca, foi divulgada sobretudo através de Alves Redol [REDOL, 1942]. Este escritor neo-realista passou uma curta temporada na Aldeia Avieira da Palhota (numa casa que ainda existe), tendo registado a sua experiência no romance “Os Avieiros”. Sem este forte testemunho, talvez esta cultura tivesse desaparecido (sem ser objecto de estudo) dada a precariedade das condições de vida dos Avieiros, expressa, nomeadamente, pela natureza provisória das construções que habitavam.

O declínio da população Avieira dá-se em meados do Século XX, com o início da escassez do sável, alegadamente devido à construção das barragens do Tejo que se constituíram como barreira para o movimento deste peixe. Por essa época, muitos Avieiros diversificaram as suas fontes de rendimento, trabalhando nos campos ao redor do Tejo, por exemplo na apanha do melão, em pequenos trabalhos complementares ou procurando oportunidades rio abaixo, nas zonas de Vila Franca ou Alhandra.

2. A arquitectura dos Avieiros

Dada a natureza sazonal da permanência dos Avieiros no Tejo e no Sado, estas populações (ou, mais precisamente, estas famílias) viviam em permanência nos respectivos barcos (os “saveiros”) de acordo com uma lógica de racionalização do espaço muito clara: zona de dormir à proa (protegida por um oleado), que, durante o dia, funcionava como zona de trabalho (entendido como a prática da pesca). No centro do barco, funcionava uma zona de “serviço” correspondente ao espaço de preparação e partilha de refeições. Por fim, na popa, localizavam-se os espaços de arrumos do material de pesca. No saveiro, vivia um núcleo familiar

constituído pelo casal e respectivos filhos, repartindo as tarefas de pescar ou de remar – que a mulher acumulava com a preparação de refeições, o cuidado dos filhos, e a venda do pescado. Os filhos ajudavam na pesca desde cedo, o que desincentivava a frequência da escola, originando níveis elevados de analfabetismo entre os Avieiros.

Inicialmente os Avieiros ficavam sediados nas embarcações à cota do rio, mais tarde, pontualmente e para melhorar as condições de vida, os Avieiros começaram a erguer construções permanentes (embora de natureza muito precária), geralmente nas partes altas das margens do rio, ao abrigo das inundações periódicas do Tejo. Estes espaços tanto serviam como local de armazenamento de redes e alfaias de pesca, como se constituíam como uma solução mais qualificada para abrigo da família, total ou parcialmente (por exemplo, apenas os filhos), existindo uma matriz ou tronco comum que os relaciona com os palheiros e as construções marítimas da costa ocidental portuguesa desde a zona da Gandara (Ílhavo, ria de Aveiro, Praia de Mira, Tocha) até Vieira de Leiria [OLIVEIRA & GALHANO, 1964], [OLIVEIRA, 1965], [BRITO, 1981].

Os abrigos dos Avieiros eram geralmente constituídos por paredes e coberturas feitas de caniço entrelaçado, formando uma estrutura autoportante que assentava sobre um estrado em madeira, por sua vez assente sobre estacas de madeira cravadas no lodo [PEREIRA *et al.*, 1961], [OLIVEIRA *et al.* 1988]. Existem relatos directos de Avieiros que construíram estas construções e que, por vezes, as transportaram da localização original para outra mais abrigada ou adequada para a lógica de subsistência do núcleo familiar. Os Avieiros apelidavam as suas próprias construções de “barracas” sem ter um sentido depreciativo (denominação que igualmente se adopta ao longo deste artigo).

Das construções palafíticas originais já pouco ou nada resta, sendo no entanto ainda possível identificar construções que decorrem desta matriz original, mas com evoluções importantes em termos de durabilidade e conforto como: paredes e cobertura em madeira (por vezes construídas pelo interior das paredes de caniço, evitando assim conflitos com as autoridades), fundações em alvenaria ou betão e cobertura em telha. Como característica distintiva de certas habitações Avieiras, destaque-se ainda a existência de construções anexas (por exemplo em frente ao espaço da habitação) onde funcionavam as cozinhas, evitando o perigo de incêndio nas construções em madeira.

3. Âmbito e objectivo

O trabalho que se apresenta consiste na elaboração de um levantamento e diagnóstico da situação existente relativa ao património construído da cultura Avieira na bacia do Tejo, elaborado pela associação dos Arquitectos Sem Fronteiras Portugal, com o objectivo de informar a candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional.

3.1 Metodologia

O trabalho de campo decorreu no período entre Setembro e Dezembro de 2008, durante o qual se visitou um conjunto alargado de assentamentos Avieiros e se procedeu à observação e ao registo dos testemunhos existentes, quer através de uma recolha fotográfica dos sítios e construções, quer através de entrevistas a Avieiros e aos seus descendentes. A metodologia adoptada seguiu os seguintes passos:

- identificação prévia dos principais assentamentos Avieiros (presentes ou passados), através de fontes documentais e fotográficas;
- revisão da listagem das aldeias Avieiras, confrontando os locais mencionados na literatura com a sua real localização, uma vez que se verificam discrepâncias de nomes e de localizações de aldeias;
- expedições de reconhecimento dos assentamentos Avieiros, com vista à recolha de dados para uma caracterização morfológica e arquitectónica, através de: inquéritos, entrevistas, fichas tipo, levantamento fotográfico, vídeo e outros que foram considerados necessários; actualmente encontra-se em curso a análise detalhada do material recolhido;
- observação do estado actual e da origem dos assentamentos Avieiros, incluindo aspectos como a relação com rio.

Para a realização deste trabalho, foram constatadas algumas limitações, nomeadamente:

- falta de documentação ou existência de documentação desactualizada (levantamentos gráficos, fotográficos e históricos), que dificultam a tarefa de compreensão do fenómeno da evolução territorial especificamente ribeirinha no Tejo;
- localização dos assentamentos em áreas de acesso difícil, por vezes em zona de reserva ecológica;
- dispersão dos locais de estudo por uma vasta área geográfica [ver fig.1 e tabela 1], tornando o acesso por via terrestre lento e complicado, por exemplo, obrigando a grandes desvios para contornar uma margem e alcançar uma povoação localizada em frente ao ponto de partida – por oposição a uma fácil ligação por via fluvial entre estes assentamentos;
- abandono de certos assentamentos, impossibilitando a recolha de informação passada relativa à respectiva ocupação.

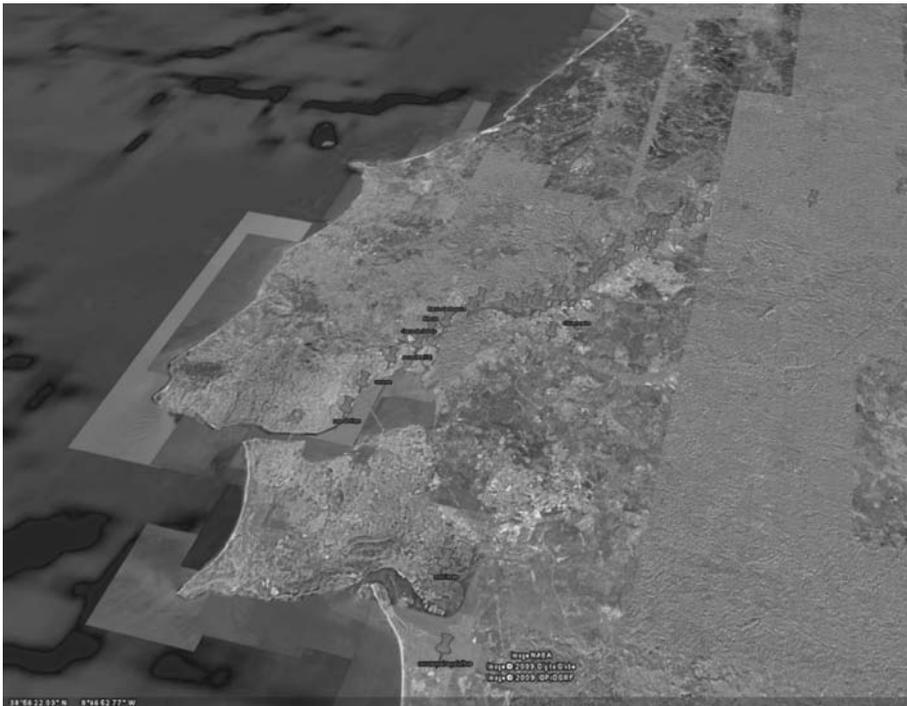


Fig.1 Fotografia aérea com a distribuição dos assentamentos Avieiros ao longo do Tejo e Sado.

4. Resultados preliminares

O levantamento preliminar efectuado permite a recolha de dados que abaixo se enuncia, por assentamento, de acordo com uma lógica de localização de Norte para Sul. No final, anexa-se uma tabela que ilustra os locais visitados com imagens recolhidas:

- próximo da Chamusca existiram dois assentamentos Avieiros: Porto das Mulheres e Mouchão de S. Brás, dos quais já nada existe [ver fig.2];
- perto da vila da Azinhaga, junto à foz do rio Almonda, existiu um assentamento Avieiro hoje desaparecido; a Câmara Municipal da Golegã colocou uma laje em tributo aos Avieiros; existem igualmente relatos de duas ou três barracas, hoje desaparecidas, num local mais a sul conhecido como as Moitas [ver fig.2];
- Patacão de Cima [ver fig.2]: nesta área existem dois núcleos distintos; o primeiro era constituído por quatro barracas de madeira das quais só são visíveis três e a estrutura em pilares de betão armado da quarta; o segundo núcleo, mais a sul, é constituído por um conjunto de 16 habitações alinhadas e encostadas a um valado; as casas encontram-se em avançado estado de degradação, havendo já duas ruínas; na sua maioria, estas casas foram habitadas até 1988, sendo evidentes muitas alterações à tipologia primitiva e inclusivamente a inclusão de novos materiais, tais como o betão armado e chapas de zinco como revestimento exterior de paredes; são ainda

reconhecíveis as cores interiores usadas pelos Avieiros (cores garridas: verde, laranja, amarelo, azul, vermelho);

Autarquia	Aldeias, Assentamentos ou locais	
Chamusca	Porto das mulheres.	Mouchão de S. Brás.
Golegã	Azinhaga.	Moitas.
Alpiarça	Patacão de Cima Patacão de Baixo Torrinha	Porto de Courela Touco Gouxá
Santarém	Barreiras da Bica 1, 2 e 3 Alfange	Caneiras
Almeirim	Vale Tijolos	
Salvaterra de Magos	Cucos Faias Isabelinhas Oliveirinhas Porto de Sabugueiro	Porto de Muge sul Porto de Muge norte Escaroupim Boca da Vala
Cartaxo	Palhota	
Azambuja	Porto da Palha Casa Branca	Obras
Benavente	Aldeia do Peixe Vau	Toureira Conchoso
Vila Franca de Xira	Reguengo Vala do Carregado Esteiro do Nogueira	Cabo Alhandra Póvoa St ^a Iria
Loures	Sacavém	
Lisboa	Poço do Bispo	
Grândola	Porto da Carrasqueira	
Setúbal	Mouriscas	

Tabela 1 Lista de assentamentos Avieiros identificados

- Patacão de Baixo: área localizada sensivelmente 1 km a sul do Patacão de Cima [ver fig.2]; ainda não verificado o seu estado actual;
- Torrinha [ver fig.2]: neste local, a norte da casa do guarda-rio e a sul da estrada de terra, existem ainda vestígios de duas habitações, só reconhecíveis pela estrutura de pilares em betão armado, e uma habitação unifamiliar também assente em pilares de betão onde viveu uma só família parente de Zé Maçaroca, pescador residente nas Caneiras; os descendentes foram viver para Alpiarça;

- Porto de Courela, Touco e Goux: assentamentos hoje desaparecidos [ver fig.2]
- Barreiras da Bica 1 [ver fig.2]: corresponde ao primeiro núcleo construído (antes das barreiras / combros serem levados pela água); localizava-se no rio Alviela, com águas mais calmas do que o Tejo e com abundância de peixe; até ao momento não foi ainda verificada a exacta localização deste assentamento;
- Barreiras da Bica 2 [ver fig.2]: neste sítio havia barracas das quais não restam vestígios, à excepção de uma chaminé; em Setembro de 2008, foram postos a descoberto alguns vestígios adicionais que estavam escondidos no meio do canal;



Fig.2 legenda: pinos verdes = locais visitados; pinos amarelos = locais a visitar; pinos laranja = locais desaparecidos.

- Barreiras da Bica 3 [ver fig.2]: núcleo constituído por duas casas de madeira, em ruínas, e uma habitação construída em tufo; tem acesso viário por estrada em terra;
- Alfange: situado na Ribeira de Santarém [ver fig.3], houve, até há cerca de cinquenta anos, um pequeno conjunto de palafitas que entretanto desapareceu; não foi possível verificar a sua localização exacta;

- Caneiras: esta aldeia cresceu de norte para sul há cerca de 130 anos; o núcleo original foi levado nas cheias de 1941, pelo que existe um segundo núcleo já com estacaria de betão ou tijolo mais a sul (aldeia actual - [ver fig.2]); de acordo com os relatos obtidos, em 1979 caíram oito casas; as palafitas são construídas em duas filas paralelas e perpendiculares ao rio, criando uma situação de “rua”; é uma aldeia ainda habitada por pescadores (18 famílias ainda vivem exclusivamente da pesca e todas as restantes pescam como segunda actividade de fonte de rendimentos) e agricultores; vários pescadores saíram das Caneiras para se fixarem noutros locais e aí construírem as suas palafitas (Azeitada, Vale Tijolos, Porto da Palha); Actualmente existem 42 barracas, três das quais desabitadas; não há saneamento básico; nesta aldeia existe igualmente uma associação de moradores activa – a “Associação dos amigos das Caneiras”;



Fig.3 legenda: pinos verdes = locais visitados; pinos amarelos = locais a visitar; pinos laranja = locais desaparecidos.

- Vale Tijolos: assentamento localizado na margem oposta em frente às Caneiras [ver fig.3], na vala de Almeirim, junto a um sítio conhecido pelo Pego da Rainha; o conjunto seria composto por cerca de sete barracas, correspondentes a sete famílias, acrescidas de casas do gado e fogo de chão; actualmente, só restam chaminés e alguns pilares em betão;
- Cucos [ver fig.3]: assentamento consistindo em duas casas em palafita, uma delas em ruína e a outra só constituída pela chaminé e por uma laje sobre pilotis; as casas encostavam-se à vala, tal como nas Faias e Torrinha;
- Faias [ver fig.3]: conjunto de duas casas em palafita, uma delas em ruínas; os antigos habitantes deste assentamento foram habitar para Benfica do Ribatejo e para Azeitada; existem testemunhos de que havia mais barracas, mas das quais não se encontram actualmente quaisquer vestígios; à semelhança de Cucos, este assentamento é por vezes igualmente apelidado de Isabelinhas ou Oliveirinhas;
- Porto de Sabugueiro [ver fig.4]: este assentamento corresponde a um antigo porto (que ainda pertence à Casa Cadaval) que chegou a contar com cerca de sete barracas (só em madeira e sem pilares em cimento no núcleo original, como é frequente nestes sítios); originalmente este núcleo situava-se mais a norte da actual localização, em terrenos entretanto reclamados pela Casa Cadaval; na sua nova localização, as casas foram construídas em alvenaria, sendo ainda habitadas por Avieiros;



Fig.4 legenda: pinos verdes = locais visitados; pinos amarelos = locais a visitar; pinos laranja = locais desaparecidos.

Porto de Muge norte: Ainda não verificado o seu estado actual [ver fig.4];

- Escaroupim [ver fig.5]: é actualmente um dos maiores assentamentos Avieiros; neste local, há memória de cerca de 50 barracas de madeira; o lado sul do núcleo original (onde se localiza agora o restaurante) desapareceu na totalidade; no lado norte fez-se uma segunda fila onde são ainda reconhecíveis várias estruturas originais, havendo outras palafitas em madeira, posteriores, entre as construções em alvenaria e betão que se foram fazendo nas últimas décadas;



Fig.5 legenda: pinos verdes = locais visitados; pinos amarelos = locais a visitar; pinos laranja = locais desaparecidos.

- Boca da Vala [ver fig.5]: este assentamento foi construído por pescadores que vieram da aldeia do Vau: Manuel Mirão e Chico Narciso; de acordo com o testemunho do próprio, Manuel Mirão desmontou a barraca que tinha no Vau transportou-a até aqui de barco e voltou a erigi-la; este núcleo é constituído por quatro palafitas em ruína avançada, algumas construídas sobre estacas de madeira; estas construções foram posteriormente reforçadas com perfis metálicos;

- Palhota [ver fig.5]: esta aldeia apresenta características arquitectónicas originais, correspondendo ao assentamento primitivo; as palafitas são construídas em duas filas paralelas ao rio; as cozinhas foram construídas posteriormente em frente de cada núcleo habitacional, criando outra situação de espaço de “rua”; por aqui passou Alves Redol, existindo uma casa museu onde o escritor teria residido; esta aldeia apresenta forte potencialidade e vocação para se constituir como um destino turístico;
- Porto da Palha [ver fig.5]: aldeia situada na quinta do Lezirão, cujo proprietário dava permissão para a construção de barracas; chama-se assim pois era o porto onde se descarregava palha para as quintas; neste local, havia cerca de nove palafitas em madeira e respectivas cozinhas, correspondentes a anexos construídos posteriormente em frente às casas; João Lobo foi quem construiu a primeira casa nesta aldeia por volta de 1953; o irmão, Carlos Lobo, vivia na Palhota e construía barracas e barcos; João Lobo era pai da Sr.ª Deolinda (70 anos) que veio da Palhota com 15 anos viver para esta aldeia;
- Obras: desaparecida; localizava-se sobre a Vala da Azambuja, lado norte, perto do Palácio da Rainha, Azambuja [ver fig.5];
- Aldeia do Peixe: localizada no Rio Sorraia [ver fig.5]; a primeira pessoa que se estabeleceu neste sítio e construiu a sua barraca de palha foi o Avieiro João Falcão, de acordo com o neto António Falcão, com 80 anos, que ainda ali reside; de acordo com os testemunhos recolhidos, mesmo antes das barracas de palha, havia somente uns toldos feitos com varas, paus e panos; depois das barracas de palha (que se incendiavam com facilidade, como contou Maria Pinheiro Pedro, que perdeu o que tinha devido a um incêndio), foram construídas barracas em madeira “no chão” e sem revestimento nos pavimentos; seriam aproximadamente sete ou oito barracas de madeira que nunca chegaram a ser erguidas em estacas uma vez que foram construídas em terreno não inundável; este sítio era chamado Bilrete de Baixo (c. de 1890?); actualmente, não existem barracas em madeira dado que foram substituídas por construções em alvenaria, erguidas nos mesmos locais que as barracas – curiosamente as novas casas seguem a tipologia original da cozinha separada dos quartos;
- Vau [ver fig.5]: aldeia mencionada por Alves Redol, entretanto desaparecida; de acordo com os testemunhos recolhidos, as primeiras casas eram feitas em caniço ao alto, apertados com arame, assentes sobre barrotes em madeira; posteriormente foram erigidas construções em madeira; este local deixou de ser habitado no início dos anos 90;
- Toureira: aldeia mencionada várias vezes por Alves Redol, entretanto desaparecida;

- Conchoso: aldeia desaparecida que chegou a ter cerca de 30 casas de madeira; os respectivos habitantes espalharam-se pelo Carregado, Vila Franca, Alhandra, Póvoa ou Sacavém;
- Esteiro do Nogueira: localizado na margem ribeirinha de Vila Franca de Xira [ver fig.6], o início do assentamento data da época da escassez do sável (cerca dos anos 40, 50), altura em que os Avieiros descem o rio, encontrando maior abundância de peixe entre Vila Franca de Xira, Póvoa de St.a Iria e Alhandra; de acordo com o testemunho de Manuel Domingues da Cunha (conhecido como Manuel do Vau, dada a sua proveniência), a primeira barraca foi erguida por ele próprio debaixo da ponte de Vila Franca e posteriormente transportada para um valado existente mais a sul, lugar sem construções; posteriormente, outros pescadores Avieiros fixaram as suas barracas ao longo do valado, perfazendo uma fila paralela ao rio, e construindo igualmente cais palafíticos semelhantes ao que se encontram actualmente na Póvoa de St.a Iria.; no seu auge este local teria sido habitado por 47 famílias; recentemente a Câmara de Vila Franca construiu novos blocos de habitação para os Avieiros e a Administração do Porto de Lisboa fez demolir na sua quase totalidade o bairro original de palafitas (apesar de ainda serem reconhecíveis algumas das barracas anteriormente existentes); foram ainda construídos pela autarquia arrecadações na margem do rio para os aprestos marítimos de pescadores; estes, por sua iniciativa própria, adicionaram cais palafíticos, à imagem do que já faziam anteriormente, para aí acostarem as suas embarcações;



Fig.6 legenda: pinos verdes = locais visitados; pinos amarelos = locais a visitar; pinos laranja = locais desaparecidos.

- Cabo: assentamento entretanto desaparecido, localizado na margem do Tejo, junto ao pilar do lado sul da ponte de Vila Franca;
- Alhandra: de acordo com os testemunhos recolhidos, antes da fixação dos Avieiros em Alhandra, já aqui se tinham estabelecido Varinos e Murtoseiros; as construções palafíticas dos Avieiros foram substituídas nos anos 80 por blocos residenciais, que constituem o actual bairro dos pescadores; de acordo com informação obtida no museu de Alhandra, existiram cais palafíticos semelhantes aos da Póvoa de Sta Iria;
- Póvoa de Santa Iria: núcleo palafítico que se divide em duas zonas: a primeira destinada a cais de embarcações de recreio e a segunda destinada aos pescadores; existem actualmente cerca de 35 pescadores ainda em actividade; os Avieiros viviam em três linhas de casas construídas por volta de 1960 pela Câmara de Vila Franca de Xira [ver fig.7], no denominado o Bairro dos Pescadores; em 2007, estas casas foram demolidas e os respectivos habitantes realojados em novos blocos habitacionais mais afastados do rio, em relação à aldeia original; os cais em madeira e os anexos para aprestos marítimos, ainda existentes, foram erigidos pelos pescadores em zona lodosa; os cais originais eram de altura fixa, quase de nível com a zona costeira, o que os tornava relativamente altos junto ao rio, especialmente em maré vazia – ainda existem cerca de três estruturas deste género; posteriormente, foram construídos cais flutuantes, com a ajuda de bidons de plástico;



Fig.7 Fotografia aérea do cais palafítico da Póvoa de Santa Iria.

- Sacavém: assentamento entretanto desaparecido de duas ou três unidades habitacionais junto ao rio Trancão;
- Poço do Bispo: existem relatos que dão conta da existência de algumas famílias Avieiras que tinham umas barracas à borda d' água.

5. Resultados gerais

Os assentamentos Avieiros correspondem a três tipologias de construção e de organização espacial:

- construções isoladas, associadas à presença de uma família;
- grupos de várias construções, geralmente duas ou três, associadas à presença de uma família ou várias famílias com estreitas relações entre si;
- aldeias ou conjuntos habitacionais, correspondentes ao alinhamento de diversas moradias, numa única ala ou em alas paralelas entre si; este tipo de organizações apresenta variações consideráveis entre si, quer em termos de dimensão do aglomerado, quer na localização relativa das unidades habitacionais, cozinhas e zonas de arrumos para o material de pesca.

Em termos genéricos, pode dizer-se que a presença construída de assentamentos Avieiros se encontra em acelerado processo de desaparecimento, por três razões principais:

- abandono progressivo dos assentamentos por parte dos descendentes dos Avieiros, que se instalam nos centros urbanos mais próximos (Santa Iria, Alhandra, Vila Franca ou Santarém), a par do abandono da actividade da pesca (hoje limitada sobretudo à população Avieira mais idosa);
- precariedade das construções Avieiras ainda existentes que, sem utilização ou manutenção e localizadas num ambiente relativamente agressivo para construções em madeira, tendem a degradar-se a um ritmo extremamente acelerado e deixam como vestígios apenas os elementos construídos em alvenaria ou betão (geralmente correspondentes às fundações das construções);
- descaracterização das construções sobreviventes, através da gradual substituição de elementos em madeira por outros em alvenaria, pela aplicação de revestimentos cerâmicos em paredes e coberturas ou pela substituição integral das construções por moradias de construção corrente.

Caso não sejam desenvolvidas acções no sentido de preservar, manter ou recuperar este património, estima-se que em menos de uma década desapareçam os vestígios da ocupação Avieira na bacia do Tejo – quer devido à degradação e perda das construções que ainda existem, quer com o desaparecimento da geração de Avieiros com experiência directa no modo de vida relacionado com a pesca (e cujo nível etário rondará actualmente os 80 anos).

Neste quadro, considera-se no entanto ser possível partir das potencialidades e limitações da realidade existente (como se ilustra na tabela 2) e equacionar uma base conceptual para a recuperação do património construído dos Avieiros, integrada no âmbito da recuperação e salvaguarda do património cultural desta comunidade. Porém, a preservação, manutenção e reabilitação deste património funcionará apenas se for entendido como um sistema, que consiste na cultura intangível de uma comunidade, nela se espelhando vários aspectos inerentes à mesma: as construções, as artes da pesca, a gastronomia, o cancionero, os ranchos entre outros.

6. Conclusão

Neste artigo faz-se uma resumida apresentação do contexto e características relacionados com a cultura Avieira da bacia do Tejo, como base para um trabalho de campo (ainda em curso) de levantamento e diagnóstico da situação existente em termos de património construído, nomeadamente das construções palafíticas Avieiras.

Os resultados deste reconhecimento no terreno, revelam a extrema fragilidade dos vestígios ainda existentes e uma acentuada tendência para o seu desaparecimento definitivo.

Presentemente encontra-se em curso um processo de classificação do património relacionado com os Avieiros do Tejo que, na sua vertente construída, pressupõe uma reflexão sobre o modo de registar, manter, recuperar e salvaguardar para as gerações futuras estes exemplos únicos. Tal objectivo, mais do que simplesmente restaurar alguns exemplos de habitações Avieiras, recomenda uma visão sistémica da recuperação do património cultural Avieiro como base de qualquer estratégia de intervenção. Assim, qualquer intervenção ao nível do edificado ou do espaço exterior deverá, por isso, ser pensada em conjunção com outras dimensões do problema: sociais, económicas, de respeito pelo ambiente, no que se designa de “intervenção sustentável” para o território.

A título de exemplo, refira-se que uma intervenção ao nível do edificado poderá ser conjugada com a criação de oportunidades e condições de acostagem de barcos de recreio que, vindos de Lisboa, possam trazer uma população que crie

novas oportunidades de programas de intervenção para a zona (por exemplo, locais para pernoitar ou estruturas desportivas e de lazer ou ainda oferta de restauração). Estes novos programas poderão, por sua vez, justificar intervenções mais alargadas ao nível das acessibilidades, do desenho do espaço público e da criação de infra-estruturas (por exemplo, melhoria do saneamento) para os povoados existentes e, simultaneamente, alargar as possibilidades de fontes de rendimento para as populações locais.

Problema:	Pontos Fortes	Pontos Fracos
<p>A perda do património Avieiro:</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Existência de várias comunidades activas de pescadores Avieiros. - Singularidade do tipo de ocupação do território e do modo de vida da comunidade Avieira. -Gastronomia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de infra-estruturas básicas uma vez que se inserem em zonas não urbanas. - Idade avançada dos Avieiros originais.
<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazer sobreviver a cultura Avieira através da promoção de roteiros culturais, turísticos e outras actividades com benefício económico para as comunidades Avieiras e não só. - A recuperação de núcleos com características originais, restituindo a qualidade da imagem e dos materiais 	<ul style="list-style-type: none"> - Lugares "esquecidos", tendo resistido à investida do betão. - Potencialidade para a exploração de novos produtos turísticos, com benefício da grande proximidade a Lisboa e relativa facilidade de acessos viário e fluvial. - Recuperação viável do edificado, tirando partido do testemunho directo de responsáveis pelas construções originais 	<ul style="list-style-type: none"> - A descaracterização de algum património construído. - Deficiente habitabilidade dos espaços associados às construções Avieiras. - Dificuldades de intervenção em zonas com fortes limites à construção.
<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pressão urbanística. - Tendência de mimetismo inconsequente. - Tendência de musealização de uma cultura que não morreu. 	<ul style="list-style-type: none"> - Qualidade ambiental e paisagística. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não reconhecimento da importância dessa cultura e desconhecimento da realidade

Tabela 2 Identificação de pontos estratégicos para a elaboração de um plano de salvaguarda da cultura Avieira

7. Bibliografia

BRITO, Raquel Soeiro. *Palheiros de Mira – Formação e Declínio de um Aglomerado de Pescadores*, I.N.I.C./Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 2ª edição, Lisboa, 1981.

GAMEIRO, João Vasco; BARBOSA, Luísa; GOUVEIA, Maria. *Caneiras, o Homem e o Rio*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, Lisboa, 1982.

GASPARINHO, Alcídio. *O Bairro Avieiro em Vila Franca de Xira*. Trabalho apresentado no âmbito do seminário de investigação do 4º ano da licenciatura em Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, Lisboa, 1991.

MORAIS, Maria. *Avieiros: Identidade e Mudança Social*. Monografia apresentada no âmbito da cadeira / seminário de investigação para a licenciatura em Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, Lisboa, 1985.

MOREIRA, Carlos. *Populações Marítimas em Portugal*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 1987.

OLIVEIRA, Ernesto. "Palheiros e Barracos do Litoral", in *Geographica – Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, ano I, n.º 3, Julho de 1965.

OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando. *Palheiros do Litoral Central Português*. I.A.C.- Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Lisboa, 1964.

OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim. *Construções Primitivas em Portugal*. Edições D.Quixote, Lisboa, 1988.

PEREIRA, Nuno Teotónio; FREITAS, António; DIAS, Francisco. *Arquitectura Popular em Portugal*, (1961), edição da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, Lisboa.

REDOL, Alves. *Avieiros*. Lisboa, 1942.

SANTOS, Maria Neto. *Os Avieiros – Estudo de Geografia Humana* (Dissertação de Licenciatura em Ciências Geográficas). Faculdade de Letras, Lisboa, 1959.

SOARES, Maria Micaela. "A Cultura Avieira, Continuidade e Mudança", in *Actas do Colóquio Santos Graça de Etnografia Marítima*, vol. IV, 1986.

ANEXO

Imagens dos assentamentos avieiros na actualidade

Patação de Cima



Torrinha



Barreiras da Bica 1, 2 e 3



Caneiras





Vale Tijolos



Cucos



Faias



Porto de Sabugueiro



Escaroupim

Boca da Vala



Palhota



Porto da Palha



Esteiro do Nogueira



Alhandra





Póvoa St^oa Iria



Carrasqueira